

O novo feminismo Uma análise do movimento sob a perspectiva dos Estudos Culturais¹

Carina Borges RUFINO²
ESPM, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo busca discutir e analisar o modo como se dá a representação do feminismo na sociedade contemporânea em relação aos movimentos feministas do século XX, sob a perspectiva dos estudos culturais e da relação política que se estabelece entre cultura, sociedade e comunicação. Para isso, toma como objeto empírico de análise, a matéria intitulada O Novo Feminismo, publicada pela Revista Isto É em 22/06/2012, período em que se ampliam e começam a se reorganizar as discussões políticas sobre feminismo e minorias na sociedade contemporânea.

Palavras-chave

feminismo; comunicação; Estudos Culturais.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo, discutir e analisar o modo como se dá a representação do feminismo na sociedade contemporânea em relação aos movimentos feministas do século XX, sob a perspectiva dos estudos culturais e da relação política que se estabelece entre cultura, sociedade e comunicação. Para isso, parte-se da análise empírica da matéria “O novo feminismo”, publicada pela Revista Isto É em 22/06/2012, assinada por Natália Martino e Rodrigo Cardoso. A escolha do texto justifica-se pela diversidade de pontos de vista que apresenta sobre o movimento e pelo antagonismo que estabelece com os movimentos do século XX.

Assim, parte-se de uma concepção de cultura que é abordada pelos Estudos Culturais conforme nos traz Grandi (1995) como “el conjunto de las formas de la actividad humana que se manifiestan em el interior de todas las actividades sociales y em sus reciprocas relaciones” (GRANDI, 1995 p. 95). Os Estudos Culturais, nesse processo, podem ser abordados como um campo interdisciplinar que surge entre os anos 1950 e 1970 na Inglaterra e nos Estados Unidos como parte de um movimento democratizador da cultura e que surgirá, na América Latina de forma mais tardia, no início do século XXI. Podemos considerar desse modo, nesse contexto, a cultura como o cenário onde se desenvolvem as lutas e enfrentamentos da sociedade contemporânea e se constroem discursos e enunciados de resistência, inclusão e protagonismo social. Assim como Grandi (1995), Johnson (1999) também aborda a cultura por meio de uma relação direta com as relações sociais. Para o autor, a noção de

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Política do PENSACOM BRASIL 2018

² Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP; email: carinajornalismo@gmail.com

cultura envolve poder e pode ser vista como um local de diferenças e lutas sociais. Nesse cenário surge também a noção de culturas, tratadas por Johnson (1999) como formas globais de vida ou de luta. Figuram-se assim, indivíduos pertencentes a segmentos sociais minoritários, cujo percurso histórico é constituído por relações de dominação e disputas de poder contrárias a uma ordem social hegemônica e já estabelecida. Incluem-se aqui, categorias utilizadas pelos próprios Estudos Culturais relacionadas a gênero, sexualidade, raça, etnicidade, cultura popular, identidades políticas, entre outras.

Na sociedade contemporânea, esses grupos ganham cada vez mais espaço no contexto ideológico de luta de classes e suas vozes ecoam em espaços variados de discussão, como as ruas, os veículos de comunicação, as redes sociais, e os próprios espaços privados e domésticos. Segundo Grandi (1995) criam-se textos culturais e estes textos participam da construção dos próprios significados que são compartilhados por uma cultura. A concepção de Grandi (1995) dialoga com a relação estabelecida por Barbero (2004) a partir da comunicação, considerando-a como um fenômeno que atravessa e descoloca a cultura, tendo as indústrias comunicacionais nesse contexto, um papel de matrizes de reorganização e desorganização da experiência cultural. Ou seja, a construção de discursos, particularmente dos discursos contra-hegemônicos que surgem por meio do ativismo social contemporâneo se dá a partir de enunciados comunicacionais que residem nos veículos de comunicação e nas práticas cotidianas. Esses discursos vão constantemente sendo ressignificados e ganhando novos sentidos, conforme se modificam também os atores sociais que neles figuram e o contexto histórico no qual se apresentam. Essa construção social de sentidos por meio de discursos que se comunicam entre si remete à própria concepção de ideologia postulada por Bakhtin (1988). Para o autor, um produto ideológico se dá a partir de uma realidade (natural ou social) refletindo ou refratando outra realidade, que lhe é exterior. “Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKHTIN, 1988, p. 31). Assim, a partir de Bakhtin (1988) podemos tomar as lutas e os enfrentamentos sociais que emergem na contemporaneidade como discursos originados de processos históricos que darão origem a novos processos sociais. Citelli (2008) nessa perspectiva nos aponta que:

No movimento dialógico, a produção de sentido não surge, contudo, "aqui" apenas na capacidade denominadora (nomen) da linguagem. Para significar, o "aqui" requer contratos comunicacionais que se alimentam necessariamente, além dos aspectos normativos e expressivos, dos cruzamentos históricos postos nos espaços sociais (CITELLI, 2008, p.55).

Constroem-se desse modo, processos em que se destacam noções de alteridade por meio de relações que se dão cada vez mais a partir do outro e do coletivo, em detrimento de relações pautadas por contextos sociais específicos e individualizados. O processo de produção de subjetividades, assim,

se dá a partir do confronto ou da complementação entre indivíduos ou grupos sociais, conforme nos aponta Castro (2007) ao relacionar a constituição de subjetividades “a partir do, com o e no universo do grupo ou classe” (2007, p.81). Vemos então que, a partir de contextos sociais que se dão a partir de uma relação de alteridade, as identidades vão se constituindo de forma cada vez mais fragmentadas por meio de um processo constante de construção. Para Hall (2003) este processo nunca estaria completado e resultaria em:

Identidades que não são nunca unificadas; (..) que são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; (...) que não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2003, p. 108).

Nesse processo contínuo de construção de identidades sociais vemos, principalmente nos movimentos e lutas sociais que se apresentam na sociedade contemporânea, a utilização do próprio corpo também como uma prática discursiva que disciplina e comunica sentidos. O movimento feminista, tema deste trabalho, constitui-se na atualidade como um dos principais exemplos de movimentos político-sociais em que o corpo é usado também como espaço simbólico nas disputas de poder, corroborando o que postula Hall (2003) quando argumenta, a partir de Foucault (1977), que o corpo tem funcionado como o significante da condensação das subjetividades do indivíduo (HALL, 2003, p.121). Além da marcante expressão do corpo na expressão de seus anseios e aspirações, as feministas vêm se configurando também através da construção de um movimento pautado por identificação e construído por meio do reconhecimento de origens e ideais comuns e de características partilhadas entre si e também com outros grupos e pessoas (HALL, 2003). Nesse sentido, Johnson (1999) nos trará o feminismo como um movimento que influencia práticas cotidianas e contribui para um maior reconhecimento da compreensão de que resultados produtivos dependem de relações baseadas em apoio mútuo.

Nesse universo de múltiplas subjetividades e identidades cada vez mais fragmentadas devemos então, nos voltar para os indivíduos que constituem as lutas e os enfrentamentos sociais da atualidade como resultados de um processo holístico, que não se dá por meio de particularidades, mas sim de construções coletivas e partilhadas de conhecimento e repertório político, social e cultural. As mulheres feministas, nesse sentido, saem da posição de enfrentamento que se dá especificamente a partir do homem e passam a lutas e posicionamentos sociais mais complexos e generalizados, construídos a partir da relação com o outro e com múltiplas questões que se apresentam relacionadas a elas não apenas como mulheres, mas como sujeitos políticos. Desse modo, passam a ser vistas,

segundo Mohandy (2008) como grupos políticos socioeconômicos dotados de particularidades que atua, junto a outros grupos, em posição aos ideais hegemônicos de poder e subordinação.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

As lutas feministas na contemporaneidade se dão em um contexto que parece ultrapassar a relação de poder existente entre homem/mulher. Tem-se hoje, por meio dos movimentos feministas uma luta que vai além do próprio lugar da mulher e convoca a discussão de outras causas políticas e sociais. Entretanto, os movimentos feministas podem ser localizados historicamente por meio de enfrentamentos que se pautam diretamente na relação entre masculino e feminino e que se dão em relação aos homens no sentido biológico, ao patriarcado, à misoginia, à divisão social do trabalho e à repressão sexual feminina. Beraldo (2014) parte da América do Norte como espaço em que se distinguem duas ondas históricas das lutas feministas. A primeira transcorre na segunda metade do século XIX e início do século XX e a segunda, denominada neofeminismo perpassa metade das décadas de 1960 e 1970. Enquanto a primeira onda centra-se na reivindicação de direitos políticos, como o voto, a segunda volta-se a lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado. Encontra-se ainda, conforme nos aponta Beraldo (2014) uma terceira onda feminista a qual podemos classificar como feminismo contemporâneo, que prolongaria as expectativas do século XIX e reforçaria o lugar da mulher como cidadã, trabalhadora e detentora de autonomia sexual, noção que ganha força particularmente após o advento da contracepção feminina a partir da década de 1960. Tem-se nesse contexto, o que Lipovetsky (2000) chama de "a terceira mulher". Para o autor, o lugar do feminino nesse sentido deixa de ser orquestrado pela ordem social e natural e passa a ser estruturado por uma lógica de livre governo individual, análoga à que organiza o universo masculino.

Se há sentido em falar de revolução democrática a respeito da construção social dos gêneros, é, antes de tudo, por eles agora se encontrarem consagrados ao mesmo "destino", marcado pelo poder de livre disposição de si e pela exigência de inventar a si próprio fora de qualquer imperatividade social (LIPOVETSKY, 2000, p.12).

Assim vemos que, por meio dos enfrentamentos feministas configura-se uma tentativa de deslocar questões atinentes à mulher como submissão e violência, do espaço privado e doméstico para o espaço público e, desse modo, readequá-la a um padrão cultural não mais ditado pela supremacia masculina e pelo afastamento da vida pública. O deslocamento da mulher do contexto de dominação masculina poderia estar associado assim, conforme nos aponta Bourdieu (2002) à dissociação do lugar de objeto simbólico atribuído às mulheres em relação aos homens.

A dominação masculina que constitui as mulheres como objetos simbólicos (...) tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se esperam que sejam 'femininas', isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa 'feminilidade' muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva do seu ser (BOURDIEU, 2002, p. 82).

A partir do que nos traz Bourdieu (2002) podemos relacionar as lutas femininas a um processo de libertação das amarras impostas por meio das particularidades binárias existentes entre masculino e feminino, que faz com que a mulher assuma um papel na busca por aceitação e atendimento de expectativas que a personificam como um estereótipo, um modelo padrão. Beraldo (2014) a partir de Beauvoir (1967) trabalha a célebre máxima da autora francesa "ninguém nasce mulher, torna-se mulher" como forma de ilustrar o contexto de submissão ao qual as mulheres são submetidas na sociedade capitalista ocidental desde a infância e que as conduzem na busca por modelos e padrões sociais impostos e construídos por meio de discursos ideológicos dominantes calcados no cenário de dominação masculina. Os enfrentamentos feministas que surgem a partir daí se pautam, assim, na construção de discursos antagônicos ao modelo dominante e que se inserem no contexto ideológico dos discursos cotidianos apontado por Baccega (2007), a partir de Bakhtin (1988) e que pode resultar na constituição de novas subjetividades a partir de outras dadas. "Portador de uma subjetividade plural, o indivíduo tem condições de reelaborar, de inovar os discursos da sociedade, que são muitos, produzindo outros muitos discursos" (BACCEGA, 2007, p.22).

Assim, temos no Brasil atual, enfrentamentos feministas marcados por identidades plurais advindas de um também plural universo de discursos relacionados inclusive à própria trajetória histórica do movimento, que se solidifica na década de 1970 com a chamada segunda onda feminista. Com a definição atribuída pela ONU ao ano de 1975 como Ano Internacional da Mulher, a Associação Brasileira de Imprensa cria o Centro da Mulher Brasileira. A partir daí surgem outros espaços de união feminista inclusive em outros lugares do Brasil (BERALDO, 2014). Com fases de retraimento e falta de renovação no movimento, como a vivida na década de 1990, o feminismo avança no Brasil marcado por momentos relevantes como o da instituição da Lei Maria da Penha em 2000, que cria mecanismos de coibição à violência doméstica e familiar contra a mulher. Com o avanço do movimento nota-se cada vez mais um desdobramento de olhares para diversas causas sociais e políticas, uma ramificação

de reivindicações que desperta para a mulher um novo olhar, que não o de uma categoria única, estável, mas de sujeitos constituídos por realidades diversas. Mohanty (2008) dialoga com essa acepção ao defender as mulheres como grupos políticos socioeconômicos dentro de contextos locais particulares e não como categoria estável de análise, que pressupõe uma unidade ahistórica, universal, baseada em uma ideia generalizada de subordinação. Assim o movimento feminista se pauta segundo o que Beraldo (2014) por meio de Bondi (2000) vai tratar como "colocar hífen". "As mulheres começaram a se identificar como feminista-negra, feminista-proletária, feminista-lésbica, feminista-judia e assim sucessivamente" (apud Bondi, 2000, p.258).

Nesse contexto, destaca-se junto ao movimento feminista, assim como junto a outros movimentos sociais que perpassam o contexto histórico-político do Brasil, a participação da juventude, principalmente a partir da década de 1990, conforme nos aponta Beraldo (2014). Surgem assim as marchas juvenis particularmente feministas como a "Marcha das Vadias", "Marcha das Margaridas" e "Marcha Mundial das Mulheres" além de grupos feministas como o Femen Br, que têm como característica marcante na atualidade, o ativismo virtual. Este ativismo coloca a Internet como lugar de articulação política lado a lado com o movimento de ocupação das ruas, criando-se assim novos espaços de representação contra-hegemônica. A articulação de movimentos feministas nos espaços virtuais suscita, desse modo, a produção de discursos sobre o tema inclusive por parte de sujeitos que não se encontram diretamente ligados ao ativismo político, mas que simpatizam e identificam-se com as causas e temáticas levantadas por eles. Fato que se verifica particularmente em espaços virtuais como Facebook, Twitter e Instagram. "É na ideologia do cotidiano, pela sua condição de flexibilidade, que se manifestam os movimentos primeiros das inovações, da produção de novos sentidos" (BACCEGA, 2007, p. 35).

O feminismo contemporâneo apresenta-se então não mais como um discurso que se dá de forma direta em relação ao homem, mas como vozes que se voltam também para outros contextos políticos, sociais e culturais. Dialoga, desse modo, com os apontamentos de Bourdieu (2002) quando postula que o movimento feminista pode ocupar o lugar de uma ação política que considere todos os efeitos de dominação exercidos pelas estruturas incorporadas (tanto entre as mulheres quanto entre os homens) e pelas estruturas de grandes instituições por meio da qual se reproduzem formas de dominação de toda a ordem social. Assim temos hoje, vozes do movimento feministas que ecoam junto às vozes dos movimentos negros, LGBTs, indígenas, entre tantas outras que a todo dia passam por complexos processos de dominação e submissão impostos e naturalizados por processos históricos rígidos, mas passíveis de flexibilização e reorganização, mediante a construção de novos sentidos.

3. ANÁLISE

As jovens ativistas do movimento feminista contemporâneo retratadas pela Revista Isto É protagonizam uma luta que se volta para a liberdade, o uso do corpo como forma de expressão e a defesa das minorias. Percebe-se assim, na atualidade, um enfrentamento que se destaca em relação ao olhar para o outro de forma coletiva, e que se dá em relação a vários atores sociais e não mais apenas em relação ao homem, como se caracterizavam a maioria das reivindicações feministas, particularmente na segunda onda do movimento, vivenciada no século XX. Com a construção do discurso sobre o novo feminismo, a publicação vai ao encontro da proposta de feminino abordada por Johnson (1999) quando coloca que as questões feministas têm contribuído para deslocar a atenção do gênero masculino e contribuir para abordagens centradas "nas identidades sociais, nas subjetividades, na popularidade e no prazer" (JOHNSON, 1999, p.14). A revista, entretanto, constrói um discurso de antagonismo entre as mulheres feministas do século passado e do atual que, por vezes, consegue representar de fato, mudanças ideológicas no ato de protestar entre aquelas e as atuais, mas em outras, soar contraditório em relação a fatos que historicamente integram o movimento, independente da época que se retrata.

De modo a ilustrar a diferença entre as mulheres ativistas do século XX e as do século XXI, o texto produzido pela revista traz como referência a extinção, em 1962 da obrigatoriedade do consentimento por parte do chefe da casa, no caso, o homem, para que a mulher pudesse trabalhar e/ou viajar. A queima dos sutiãs como forma de protesto, na ocasião, daria lugar hoje ao corpo despido, com os seios à mostra no ato de protestar. Porém, a utilização do corpo como lugar de expressão e enfrentamento no movimento feminista não se configura como uma característica específica da contemporaneidade e verifica-se desde a primeira onda do feminismo. Um bom exemplo seria a utilização do corpo por meio da roupa pela ativista Amélia Bloomer, no século XIX, que revolucionaria os padrões de vestimenta da época com a incorporação da calça no vestuário feminino em 1850 (CRANE, 2006). No início do século XX, algumas mulheres optavam por masculinizar o corpo feminino como forma de não-aceitação do padrão de feminilidade socialmente imposto, escondendo o busto e a cintura das roupas e indo ao barbeiro fazer cortes curtos e masculinos nos cabelos (CRANE, 2006). No Brasil, já na segunda metade do século XX, a jovem atriz Leila Diniz chocaria a sociedade brasileira sofrendo inclusive manifestações de repúdio ao ir à praia no Rio de Janeiro, grávida e de biquíni (BERALDO, 2014).

Vemos assim, que a ideia apregoada pela jovem militante do movimento Marcha das Vadias, Heather Javis, na matéria de "Isto É" de que "não são apenas as boas meninas virgens que devem ser respeitadas" acompanha o movimento feminista desde suas primeiras manifestações ainda no século

XIX. A concepção assertiva da feminista do século passado como uma mulher séria, asséptica e nada erotizada, dada pela professora Margareth Rago durante a matéria parece então não fazer sentido frente a um discurso histórico plural que se faz da participação da mulher frente a esses movimentos, ora de maneira mais conservadora, ora mais libertária. A pluralidade nas maneiras de se pensar o movimento é reforçada inclusive ao longo do texto. Enquanto algumas ativistas defendem a utilização do corpo parcialmente nu como forma de expressão, outras se posicionam contra a prática, como vemos nos fragmentos abaixo, que trazem opiniões de mulheres precursoras do feminismo no Brasil.

Mas o que dizem as precursoras do feminismo? Elas aprovam o uso do corpo como bandeira? “Eu me considero uma feminista jurássica, mas o movimento vem se renovando com outras energias. Quero aplaudi-las e não criticá-las”, afirma Schuma Schumacher, 60 anos, da ONG feminista Rede de Desenvolvimento Humano (Redeh) e uma das maiores pesquisadoras sobre a história da mulher brasileira. Com ou sem roupa cobrindo os seios, o fato é que o novo feminismo concretizou um sonho de cinco décadas atrás, quando a americana Betty Friedan (1921-2006) e a sua obra “A Mística Feminina” pautavam as discussões: ele se espalhou, foi além do ambiente acadêmico, e está em todos os cantos da sociedade (Revista Isto É, edição 2530, 22/06/2012).

As contradições existem não só em relação a polêmicas com a utilização do corpo, mas também em relação à forma de se nominar os movimentos.

A professora de estudos culturais da Universidade de São Paulo Maria Elisa Cevasco não é tão entusiasta quanto Schuma e tem dúvidas sobre a eficiência dos métodos utilizados pelas jovens feministas. “Estão usando o corpo, o vocabulário patriarcal calcado no fato de que a mulher está na vitrine, como uma estratégia. Será que assim se distanciam do discurso machista ou reforçam essa lógica da exploração sexual?”, questiona Maria Elisa. “Eu gostava mais quando as feministas queimavam o sutiã.” Já a escritora americana Camille Paglia, que se tornou dissidente e crítica do movimento feminista sob o argumento de que ele foi o responsável por fazer a mulher assumir o papel de vítima, não foge de outra polêmica ao criticar a Marcha das Vadias. “Não se chame de vadia a não ser que você esteja preparada para viver e se defender como tal”, escreveu a professora da Universidade das Artes, na Filadélfia. “Muitas garotas de classe média superprotegidas têm uma perigosa visão inocente do mundo ((Revista Isto É, edição 2530, 22/06/2012).

Entretanto apesar das dissonâncias, há ainda aspectos que se apresentam como consensuais ao longo das lutas vividas pelo movimento em sua trajetória histórica, particularmente no que se refere a causas como violência doméstica, abuso sexual, liberdade sexual e reprodutiva. Essas parecem ser pautas comuns a todas as ondas feministas, como se observa nos depoimentos extraídos da matéria, a seguir, e que são ainda vistas de forma problemática por muitas culturas, como a brasileira onde o aborto, por exemplo, ainda é proibido e encarado como tabu.

Vejo essas manifestações de hoje, acho divertido, até estive na Marcha das Vadias, mas na essência é a mesma coisa de sempre. Nós falávamos dessas questões há 40 anos”, afirma Yolanda Prado, 81 anos, uma das mais antigas feministas brasileiras. Para Sônia Corrêa, coordenadora do Observatório de Sexualidade e Política, as

reivindicações são as mesmas porque os problemas permanecem (Revista Isto É, edição 2530, 22/06/2012).

A maior mudança, assim, entre o ativismo do século XXI para o do século XX parece ser então a de debates que se voltam não só para o benefício da mulher mas para uma melhor organização da sociedade de modo geral, atuando em defesa de outras minorias e junto inclusive aos homens de maneira a fazer com que despertem um novo olhar para as mulheres, que não o condicionado por valores patriarcais. Ao ampliar suas pautas para questões que vão além da questão específica do feminismo e se voltar inclusive para os homens, o ativismo feminista do século XXI passa a contribuir para o enfrentamento do que Mohanty (2008) vai considerar como formulações simplistas e redutoras da realidade, que consideram o homem como aquele que tem poder e a mulher como aquela que é desprovida dele. O poder assim configuraria-se definido por aspectos polarizados por meio de um contexto que reforça, segundo a autora, as divisões binárias de gênero entre homens e mulheres. Destaca-se ainda no feminismo contemporâneo, uma participação ativa da juventude, cujo destaque junto a movimentos políticos sociais se intensifica a partir da segunda metade do século XX, com a solidificação do próprio conceito de jovem. A juventude feminista então, segundo Beraldo (2014) a partir de Piovesan (2011) se vê, no século XXI, contribuindo ativamente para a melhoria da qualidade de vida da mulher no país.

Vemos então que a Revista Isto É, na construção de um discurso sobre feminismo vai ao encontro da abordagem de Citelli (2008) quando se refere aos novos lugares de ação dos *media*. Para o autor, há uma revisão do papel do emissor, que deixa de ser unidirecional passando a ser interpelado por co-enunciadores e interlocutores que antes pareciam ausentes ou apareciam ainda com muita discricção no meio de circulação de mensagens (CITELLI, 2008, p.49). O discurso promovido pela revista corrobora assim com a própria posição ideológica pela qual se configura o movimento na atualidade, marcado por uma pluralidade de vozes que, ainda que em muitos momentos ecoem de forma contraditória, contribuem para a construção de sentidos coletivos e novas subjetividades políticas, sociais e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos e lutas sociais da contemporaneidade configuram-se por meio de disputas simbólicas de poder e manifestações contra-hegemônicas por parte de indivíduos que, ao longo da história figuraram em contextos marcados por processos de submissão e dominação. As práticas dos Estudos Culturais, segundo Johnson (1999) devem ser vistas assim, no interior destes contextos, de modo a contribuir para o questionamento das estruturas de poder dominantes, como por exemplo, a

masculina. "É em parte porque começam fundamentalmente a questionar essas disposições que (...) estão entre as formas mais subversivas de movimentos modernos" (Johnson, 1999, p.51).

Os processos comunicacionais nesse sentido, quando relacionados a partir da própria noção de cultura passam a se configurar como ferramentas mediadoras de novas formas de se conceber, segundo Barbero (2004) as lutas entre cultura e poder. Por meio dos discursos constituídos pelos *media*, tem-se assim a representação das práticas construídas no cotidiano e da multiplicidade de vozes que as constituem. Como um processo por meio do qual se envolvem lutas e disputas de poder, o feminismo pode ser visto atualmente como um dos mais representativos movimentos sociais contemporâneos constituído por múltiplas subjetividades e que se dá por meio de contextos de identificação e partilha de interesses comuns. Entretanto, no interior de um mesmo movimento pode-se haver vozes dissonantes, contexto que, para Hall (2003) explica-se por meio do próprio processo de representações identitárias. Conforme o autor, essas representações são construídas a partir de uma falta e a partir do lugar do outro não podendo assim ajustar-se de forma idêntica aos processos de sujeito que são nelas investidos. "(...) as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela" (HALL, 2003, p.110).

Assim temos, por meio do novo feminismo representado em Isto É, o resultado de um processo histórico de lutas e enfrentamentos constituído por vários olhares a partir da concepção de que cada sujeito/indivíduo é único na construção de seus enunciados e orientações ideológicas. A busca por objetivos comuns e a partilha de solidariedade e fidelidade por parte de movimentos sociais não exclui a possibilidade de que exista, no interior deles, discursos por vezes dissonantes e instáveis, mas que conduzem, ao longo do processo histórico e cultural, à concretização de objetivos comuns. No caso do feminismo, vive-se hoje um contexto de representação ativa do movimento por meio do qual, apesar das contradições, busca-se um lugar para o feminino que é expressado no enunciado de Isto É por meio da fala da militante Heather Javis. "As mulheres podem ser quem elas quiserem e não devem ser julgadas e muito menos violentadas por causa de suas escolhas".

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso** - história e literatura. São Paulo: Ática, 2007.
- BAKHTIN, Michael. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CASTRO, Gisela. **Comunicação e Práticas de Consumo**. São Paulo : Saraiva, 2007.
- CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação** - a linguagem em movimento. São Paulo: Boitempo, 2008
- CRANE, Diane. **O papel social da moda**. São Paulo: Senac, 2006
- GRANDI, Roberto. **Texto y contexto em los médios de comunicación**. Análisis de la información, publicidad, entretenimento y su consumo. Barcelona : Bosch, 1995.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Representação, 2003.
- JOHNSON, Richard, ESCOSTEGUY, Ana Carolina, SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte : Autêntica, 1999
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Terceira Mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes (2007)
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo** - Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.
- MOHANTY, Chandra. Bajo los ojos de Occidente (2008). In MEZZADRA, Sandro et al. **Estudios Postcoloniales – ensayos fundamentales**. Madri: Traficantes de Suenos, 2008.
- Dissertações de mestrado**
- BERALDO, Beatriz. **POR SAIAS E CAUSAS JUSTAS: Feminismo, comunicação e consumo na Marcha das Vadias**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM. São Paulo, 2014.
- Sites**
- Revista Isto é. Disponível em https://istoe.com.br/216256_O+NOVO+FEMINISMO. Acesso em 07/06/2018.